

O ENSINO DE LITERATURA NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Carolina Maciel de Souza (UEL)

Viviane Dias Ennes (UEL)

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo relatar as impressões durante o estágio obrigatório realizado no Colégio Estadual José de Anchieta, no município de Londrina/PR, em turmas do 2º e 3º anos do Ensino Médio, no que diz respeito à Literatura e a práticas de leitura em sala de aula. Queremos mostrar a importância da Literatura na função social e humanizadora da educação básica e como a prática da leitura traz à tona a criatividade e a melhoria significativa na oralidade e na escrita dos alunos. Os debates suscitados pelos temas abordados nas práticas literárias fazem com que os discentes reflitam a respeito de problemas sociais de sua própria realidade ou de realidades distantes das suas, expandam suas noções de espaço e de suas percepções do outro nos relacionamentos interpessoais. Precisamos entender esse valor do ensino de literatura dentro de sala de aula para que os professores possam dar mais importância à aplicação efetiva da leitura em suas práticas pedagógicas e planos de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Educação; Leitura.

1 Introdução

O estudo da literatura em sala de aula tem sido cada vez mais valorizado no ensino médio e fundamental, mas não da mesma forma como há uma década. O trabalho realizado com a leitura nas escolas nos últimos anos, tendo o professor como peça fundamental para o desenvolvimento do entendimento crítico daquilo que se lê, está se tornando foco central nos estudos literários e não mais uma atividade sem grande importância. A leitura feita por professores que conseguiram compreender a função da oralidade e da análise compartilhada e debatida em grupo, tem como função principal criar condições estratégicas de atribuição de sentidos e de desenvolvimento de comportamentos cuja finalidade é a ampliação da proficiência leitora pessoal.

É também interessante enfatizarmos a importância de trazer o aluno para dentro do contexto da leitura, e também de levar o contexto daquele aluno para dentro do que está sendo lido. Nenhum discente é vazio de conceitos e formações discursivas, pois isso se dá em sua formação social na prática exercida por ele no uso da língua. A importância do estudo da literatura e seus aprofundamentos é relevante, tendo em vista a inclusão do leitor no processo

de construção da narrativa e não somente no aprendizado da gramática normativa. Dar ao aluno o domínio de múltiplas narrativas com construções complexas e que o levem a intervir no processo de realização imagética da língua escrita, desenvolve uma dimensão dessa língua muito maior do que apenas um conjunto de signos e de regras que limitam seu papel ativo como construtivista e modificador do objeto a que está sendo submetido. Irandé Antunes (2013) ajuda-nos a entender melhor essa noção de importância:

[...] a língua, por um lado, é provida de uma dimensão imanente, aquela própria do *sistema em si mesmo*, do sistema autônomo, em potencialidade, conjunto de recursos disponíveis; algo pronto para ser ativado pelos sujeitos, quando necessário. Por outro lado, a língua comporta a dimensão de *sistema em uso*, de sistema preso à realidade histórico-social do povo, brecha por onde entra a heterogeneidade das pessoas e dos grupos sociais, com suas individualidades, concepções, histórias, interesses e pretensões. Uma língua que, mesmo na condição de sistema, continua fazendo-se, construindo-se. Pela ótica dessa última dimensão, a língua deixa de ser apenas um conjunto de signos (que tem um significante e um significado); deixa de ser apenas um conjunto de regras ou um conjunto de frases gramaticais, para definir-se como *um fenômeno social, como uma prática de atuação interativa*, dependente da cultura de seus usuários, no sentido mais amplo da palavra. Assim, a língua assume um caráter político, um caráter histórico e sociocultural, que ultrapassa em muito o conjunto de suas determinações internas, ainda que consistentes e sistemáticas. Dessa forma, todas as questões que envolvem o uso da língua não são apenas *questões linguísticas*; são também *questões políticas, históricas, sociais e culturais*. Não podem, portanto, ser resolvidas somente com um livro de gramática ou à luz do que prescrevem os comandos de alguns manuais de redação. (ANTUNES, 2013, p. 21)

Analisando o PCN de Língua Portuguesa de 6º a 9º ano, no qual são feitos os primeiros passos de introdução à leitura feita em sala de aula, vemos que é preciso uma desconstrução a respeito do que se entende por aprendizado inicial da leitura:

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta dessa concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de leitores capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler. (PCN de Língua Portuguesa, 1997, p. 16).

A leitura representa a aquisição de maiores conhecimentos e de um acumulado de formação linguística que favorecerá o aluno em todas as áreas com as quais ele for lidar ao

longo de sua formação acadêmica. Ler é interagir e compreender o mundo e suas implicações comportamentais sobre a história, a cultura, a vida em sociedade e tudo que diz respeito à realização política e ideológica. Entendemos que o papel social da escola não é apenas transmitir informações, mas que ela seja capaz de ensinar o aluno a desenvolver sua capacidade de aprender e apreender as informações que chegam até ele pelos meios de comunicação. O estudante precisa ser capaz de discernir aquilo que é primordial para sua educação, sendo inserido no universo da cultura letrada, dialogando com imagens, textos, culturas e conceitos de cidadania e responsabilidade social.

De acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM), é imprescindível que o texto literário seja o eixo norteador de uma aula produtiva, pois a prática escolar geralmente desconsidera a “leitura propriamente e privilegia atividades de *metaleitura*, ou seja, a de estudo do texto (ainda que a leitura não tenha ocorrido), aspectos da história literária, características de estilo, etc.” (OCEM, 2006, p. 70). É preciso dar ênfase ao texto literário como significativos para a formação da sensibilidade, da identidade, da cultura e da cidadania, atendo-se também aos contextos históricos, políticos e estilísticos, para que a aula tenha amplitude e dialogue com a realidade.

A partir das considerações citadas acima, a experiência do estágio será relatada a fim de apresentar as metodologias utilizadas no ensino de literatura em sala de aula e as estratégias utilizadas para sua efetivação prática e eficaz.

2 Fundamentação Teórica

Um dos obstáculos enfrentados em sala de aula diz respeito aos questionamentos e problematizações exibidos pelos docentes. Marisa Lajolo (1993) enfatiza que o grande problema é que o texto literário, visto como culto e que precisa ser cultivado, “é objeto de um nem sempre discreto, mas sempre incômodo, desinteresse e enfado dos fiéis – infidelíssimos, aliás – que não pediram para ali estar.” (LAJOLO, 1993, p.12)

A escola tem uma grande responsabilidade por ser o primeiro espaço legitimado em que o aluno terá acesso direto a leituras e à produção de uma escrita consciente. No entanto, há um discurso preconceituoso criado no imaginário do estudante, provavelmente originado de uma divergência de expectativas, em que a linguagem que diz respeito ao ensino de

literatura destile certa decepção e amargor de prestação de contas, deveres, tarefas e obrigações, como ilustra Lajolo (1993), revelando um vocabulário para se referir ao ensino de literatura:

O vocabulário é repassado de obrigações e cobranças: *trabalho longo e árduo, atividade exigida, leitura obrigatória...* expressões cinzentas e duras, em harmonia com uma escola como a brasileira, amarga e curtida por políticas educacionais equivocadas. A função desse professor bem-sucedido confina-se ao papel de propagandista persuasivo de um produto (a leitura) que, sob a avalanche do *marketing* e do *merchandising*, corre o risco de perder, ao menos em parte, sua especificidade. (LAJOLO, 1993, p. 14)

Para a autora, ler não é sinônimo de decifrar o sentido de um texto, mas sim, a partir do mesmo, ser capaz de lhe atribuir significado, alcançar uma possível relação a todos os outros textos significativos para cada um, identificar nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e entregar-se (ou rebelar-se) a ela. Lê-se para entender o mundo.

Para obter êxito nas aulas de leitura, é necessário reavaliar todos os processos, pois o que está acontecendo é que a prática de leitura tem como finalidade extrair do texto uma informação para responder a questões formuladas. Cosson (2012), em seu livro “Letramento Literário – teoria e Prática”, comenta sobre o ensino de literatura no Ensino Médio, que se limita à História da Literatura Brasileira e não à Literatura Brasileira em si.

Os textos literários, quando comparecem, são fragmentos e servem prioritariamente para comprovar as características dos períodos literários antes. Caso o professor resolva fugir a esse programa restrito e ensinar leitura literária, ele tende a recusar os textos canônicos por considera-los pouco atraentes, seja pelo hermetismo do vocabulário e da sintaxe, seja pela temática antiga que pouco interessaria aos alunos de hoje. (COSSON, 2012, p. 10)

Portanto, as atividades desenvolvidas exigem que o aluno tenha o domínio de informações sobre a literatura e o imperativo de que o imprescindível é que o aluno leia, não importa o quê, predominando as interpretações de texto apresentadas pelo material didático pré-determinado pelas instituições de ensino. É importante termos cuidado ao apresentar textos incompletos, tarefas extraclases feitas através de resumo de textos prontos, fichas de leitura e debates em sala de aula que não levem o aluno a realmente questionar o que foi lido, em que a finalidade seja apenas recontar a história lida ou dizer o poema com suas próprias palavras, como sugere Cosson (2012):

O certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. Em primeiro lugar porque falta um objeto próprio de ensino. Os que se prendem aos programas curriculares escritos a partir da história da literatura precisam vencer uma noção conteudística do ensino para compreender que, mais que um conhecimento literário, o que se pode trazer ao aluno é uma experiência de leitura a ser compartilhada. No entanto, para aqueles que acreditam que basta a leitura de qualquer texto convém perceber que essa experiência poderá e deverá ser ampliada com informações específicas do campo literário e até fora dele. (COSSON, 2012, p. 11)

Atividades que despertem reflexão, compreensão e interpretação de mundo evitam que o jovem leia apenas porque a escola exige, como uma obrigação, mas sim por motivação a fazer algo que deseja. Assim, também começará a construir um saber segundo a sua própria opinião, mas sendo guiado com o referencial teórico adequado, criando uma condição de aprendizado saudável, levantando hipóteses de leitura, a percepção crítica, as limitações do que lê, os valores, as diferentes estratégias de narração, etc. As observações e vivências realizadas no âmbito do estágio curricular obrigatório tornam possível o levantamento de algumas reflexões sobre o ensino de literatura e a prática docente em sala de aula, na disciplina de Língua Portuguesa.

3 Relato da Experiência de Estágio

Realizamos o estágio curricular obrigatório no Colégio Estadual José de Anchieta, município de Londrina/PR, em turmas do 2º e 3º ano do Ensino Médio, com 10 (dez) aulas de observações feitas pelas estagiárias, 30 (trinta) horas-aula junto à professora, com realização de correções de atividades avaliativas e trabalhos, e 30 (trinta) aulas de regências e planejamentos, independentes das estagiárias, com a supervisão da professora regente.

Durante todo esse período, observamos que havia muitos alunos repetentes e que possuíam dificuldades de aprendizagem em relação à Língua Portuguesa, sobretudo em Literatura. As aulas ministradas pela professora regente não seguiam um material didático, nem uma ordem sequencial das aulas de gramática, literatura e produção textual. Muitas vezes, eram baseadas em exercícios de vestibulares, ENEM e simulados, por estarmos em turmas findando o ensino médio e dando início ao ingresso na Universidade.

Optamos por trabalhar somente a Literatura, a fim de oferecer total atenção e dedicação para os educandos, com o objetivo de desenvolver um interesse pela leitura, não apenas para “ler por ler”, mas sim pela fruição do texto literário em sua totalidade, por um viés analítico, colocando em prática a teoria de Cosson (2012), que diz:

No ambiente escolar, a literatura é um lócus de conhecimento e, para que funcione como tal, convém ser explorada de maneira adequada. A escola precisa ensinar o aluno a fazer essa exploração. Por fim, não se trata de cercar a leitura direta das obras criando uma barreira entre elas e o leitor. Ao contrário, o pressuposto básico é de que o aluno leia a obra individualmente, sem o que nada poderá ser feito. (COSSON, 2012, p. 13)

Nosso objetivo era que os alunos não lessem os textos somente para realização de uma prova ou para responderem questões de um simulado, mas sim para que pudessem compreender realmente os autores e a mensagem que eles estavam passando. Sendo assim, que começassem a despertar o gosto pela leitura. É preciso formar um leitor que tenha uma visão humanizada, que conheça diversos pontos de vista e perspectivas, sabendo respeitá-las e compreendê-las.

Trabalhamos em sala o período literário que corresponde ao Modernismo e suas três fases. Buscamos sempre levar trechos literários relacionados a características do período, seu contexto social, histórico e político, mesclando as três fases modernas para que o foco fosse mantido no texto literário em si e suas reflexões. De acordo com as recomendações da OCEM (2006), se o professor se prender a atividades de metaleitura não fará com que os discentes leiam, mas que reflitam sobre os vários aspectos da escrita, como a organização da língua, história literária dos textos e estrutura dos textos literários. O que também ressalta Cosson (2012):

No ensino médio, o ensino da literatura limita-se à literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época, cânone e dados biográficos dos autores, acompanhada de rasgos teóricos sobre gêneros, formas fixas e alguma coisa de retórica em uma perspectiva pra lá de tradicional. (COSSON, 2012, p. 9)

Contudo, quando ainda não são leitores (o que geralmente acontece), é difícil fazer com que os alunos se interessem por atividades de metaleitura e, se não leram os textos, o trabalho será inútil, conseqüentemente gerando um desinteresse tanto pelas atividades quanto

pela leitura do texto propriamente dito. Para trabalhar as fases do Modernismo, aproveitamos a introdução ao assunto que a professora regente realizou com os alunos, através de questões de vestibulares e começamos a trabalhar a primeira fase desse período com aulas expositivas. Sempre visando à interação dos alunos durante a regência para que o processo fosse dinâmico e interessante para eles.

Durante o período das regências, trabalhamos sempre com a introdução do período, fazendo a conexão com o contexto histórico da época. Logo após isso, introduzimos as principais características do período e, por fim, os autores que mais se destacaram, junto às suas obras. Sempre que levamos trechos de obras dos autores, pedimos para que um aluno lesse em voz alta, instigando sua atenção e a dos colegas em volta, exercitando entonação e a prática da oralidade.

Pudemos observar que a estratégia que mais engaja os alunos nas aulas de literatura é quando mostramos o que a literatura veio denunciar na época. Através do Romance da década de 30, mostramos a denúncia da opressão, a miséria e a problemática social. Utilizamos o autor José Américo de Almeida para mostrar a denúncia da seca e a visão do sertanejo; Raquel de Queiroz, que denunciava o mundo patriarcal e machista através de sua perspectiva feminina; José Lins do Rego, mostrando o ciclo da cana de açúcar; e Graciliano Ramos e a análise psicológica dos seus personagens retirantes na seca de Pernambuco.

Os alunos se atentaram mais às aulas quando começamos a explicar detalhes das obras de maneira simplificada e não simplesmente pedindo para que lessem uma das obras para discutirmos em sala posteriormente. Trouxemos poemas e imagens fotográficas dos autores e das realidades retratadas por eles em suas obras.

4 Considerações Finais

De acordo com as experiências relatadas do estágio obrigatório, foi possível a percepção da dificuldade de manter os alunos interessados em literatura e na leitura de textos, pois diariamente era preciso instigar a classe, que se mostrava instável quanto ao interesse e ao desinteresse nos conteúdos e práticas aplicadas no processo de ler. O objetivo foi mostrar aos alunos o quanto a literatura pode nos humanizar, trazer à tona problemas sociais que muitas vezes, por não fazerem parte de nossas vivências, não são considerados ou percebidos.

A necessidade de fantasia e de leitura são iminentes ao ser humano e a condição de conhecimento envolve a realidade de cada um, mas também evoca outras tantas realidades que podem ser desbravadas por eles e isso foi o que nos propusemos a levar até a sala de aula. No entanto, vimos que não é uma grande problemática, mas um desafio presente na vida do educador e que exige dele disposição na busca por novas propostas pedagógicas de ensino de leitura em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Língua, Texto e Ensino: outra escola possível*. Editora Parábola. São Paulo, 2013.

LAJOLO, Marisa. *No mundo da leitura, para a leitura do mundo*. Editora Ática. São Paulo, 1993.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. Editora Contexto. São Paulo, 2012.

OCEM: *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*. Secretaria da Educação Básica. Brasília, 2006.

PCN de Língua Portuguesa, 1997.